

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
(ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO)

JOSÉ KLEITON DA SILVA MATIAS

**OS ASPECTOS ÉTNICO-RACIAIS E CULTURAIS DA COMUNIDADE
BARRA DE ANTAS/SAPÉ-PB COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO
POPULAR NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

JOÃO PESSOA-PB

2019

JOSÉ KLEITON DA SILVA MATIAS

**OS ASPECTOS ÉTNICO-RACIAIS E CULTURAIS DA COMUNIDADE BARRA DE
ANTAS/SAPÉ-PB COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO POPULAR NA EDUCAÇÃO
DO CAMPO**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, com área de aprofundamento em Educação do Campo, realizado no Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira

JOÃO PESSOA-PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M433a Matias, Jose Kleiton da Silva.

OS ASPECTOS ÉTNICO-RACIAIS E CULTURAIS DA COMUNIDADE
BARRA DE ANTAS/SAPÉ-PB COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO POPULAR
NA EDUCAÇÃO DO CAMPO / Jose Kleiton da Silva Matias. -
João Pessoa, 2019.
56 f.

Orientação: Ana Paula Romão de Souza Ferreira.
Monografia (Graduação) - UFPB/Educação.

1. Educação Popular, Sujeitos do Campo, Étnico-racial.
I. Ferreira, Ana Paula Romão de Souza. II. Título.

UFPB/BC

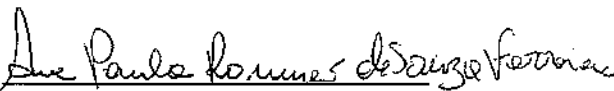
JOSÉ KLEITON DA SILVA MATIAS


**OS ASPECTOS ÉTNICO-RACIAIS E CULTURAIS DA COMUNIDADE BARRA DE
ANTAS/SAPÉ-PB COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO POPULAR NA EDUCAÇÃO
DO CAMPO**


Trabalho de Conclusão do ao Curso de Pedagogia, com área de aprofundamento em Educação do Campo, realizado no Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

APROVADO EM: 16/05/19

BANCA EXAMINADORA


Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira
(Orientadora)


Profa. Dra. Maria do Socorro Xavier Batista
(Examinadora)


Profa. Dra. Francisca Alexandre de Lima
(Examinadora)

DEDICO à minha mãe Glória Matias por todo o apoio, e dedicação que ela teve comigo ao longo da vida, em especial, nesses seis últimos anos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e pela disposição que ele me concedeu para concluir mais esta etapa para o término da minha graduação;

Agradeço também à minha orientadora Profa. Dra. Ana Paula Romão, pela atenção pelo carinho e por toda a disposição a mim concedida durante todo o processo de construção desse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pois ela esteve sempre disposta a me auxiliar nesta etapa, apoiando, dando força e incentivo e, sobretudo, orientação no sentido de como proceder diante dos conteúdos e de todo o processo para a construção deste trabalho.

Agradeço também à professora da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso Profa. Dra. Francisca Alexandre de Lima, por todo apoio e incentivo e por todas as cobranças feitas durante este processo, pois reconheço tudo como incentivo e um empurrão de energia positiva para que este projeto fosse concluído;

Agradeço à Profa. Dra. Maria do Socorro Xavier Batista, porque foi a mesma que tanto lutou e correu atrás para que hoje tivéssemos o Curso de Pedagogia-Educação do Campo funcionando no Campus I da UFPB, onde hoje o mesmo está restaurando vidas e projetando sonhos na cabeça de todos os graduandos do curso;

Da mesma forma, também, gostaria de agradecer a todos os meus amigos e colegas de curso que me deram apoio, força e total incentivo ao longo de todo o Curso;

Agradeço a todos os meus familiares que acreditaram em mim e todas as pessoas que de alguma forma seja direta ou indiretamente participaram comigo dessa caminhada.

De forma especial queria agradecer à minha mãe Glória Matias por todo o apoio, e dedicação que ela teve comigo durante estes 6 anos de caminhada na universidade, sempre acreditando em mim e fazendo todo o possível para que eu conseguisse me formar e ter um diploma de professor que sempre foi meu sonho.

Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.
(Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar aspectos étnico-raciais de uma escola do campo no Assentamento Barra de Antas – Sapé –PB. E, como objetivos específicos, contextualizar a comunidade de Barra de Antas – Sapé –PB; Compreender a importância da valorização da origem étnico-racial do indivíduo. Ressaltar a importância dos costumes e crenças deixados pelos grupos étnico-raciais na referida comunidade e Discutir questões emergentes como preconceito e discriminação por cor da pele (racismo), etnia e origem cultural na escola X de Barra de Antas, em Sapé-PB. A metodologia consistiu em uma pesquisa com abordagem qualitativa, de caráter exploratório e contemplou aportes da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo utilizando a roda de conversa e intervenção, através de oficina temática e aplicação de questionário entre professores e membros da comunidade. Para tanto, os dados demonstraram que a comunidade possui uma memória sobre as lutas camponesas, mas tem dificuldade de se reconhecer parte desse processo, bem como a escola ainda não vem trabalhando uma prática cotidiana para as relações étnico-raciais focadas na educação Popular.

Palavras-chave: Educação Popular. Sujeitos do Campo. Aspectos étnico-raciais e culturais.

ABSTRACT

This work aims to analyze ethnic-racial aspects of a rural school in the Barra de Antas settlement - Sapé -PB. And, as specific objectives, to contextualize the community of Barra de Antas - Sapé -PB; Understand the importance of valuing the ethnic-racial origin of the individual. To emphasize the importance of the customs and beliefs left by ethnic-racial groups in the said community and Discuss emerging issues such as prejudice and discrimination by skin color (racism), ethnicity and cultural origin in the X school of Barra de Antas, in Sapé-PB. The methodology consisted of a research with a qualitative approach, of an exploratory nature and contemplated contributions of bibliographical research and field research using the talk and intervention wheel, through a thematic workshop and questionnaire application among teachers and community members. To do so, the data showed that the community has a memory about the peasant struggles, but it has difficulty recognizing part of this process, and the school has not yet been working a daily practice for ethnic-racial relations focused on Popular education.

Keywords: Popular Education. Subject of the Field. Ethnic-racial and cultural aspects.

LISTA DE GRÁFICOS

- GRÁFICO 1** - Quanto ao sexo
- GRÁFICO 2** - Procedência geográfica
- GRÁFICO 3** - Quanto à raça e etnia
- GRÁFICO 4** - Formação escolar

LISTA DE QUADROS

- QUADRO 1** - Qual o Curso que está cursando ou que concluiu
- QUADRO 2** - Relato sobre experiência em ter presenciado algum tipo de reprodução de racismo ou preconceito no ambiente escolar
- QUADRO 3** - Em sua prática de ensino e aprendizagem existe alguma direcionada para o ensino da educação étnico-racial?
- QUADRO 4** - Observação sobre conteúdos ou figuras de cunho racista nos livros didáticos
- QUADRO 5** - Perfil dos entrevistados da comunidade

LISTA DE SIGLAS

CPT	- Comissão Pastoral da Terra
EP	- Educação Popular
LGBT	- Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Travestis
MSC	- Movimentos Sociais do Campo
MST	- Movimento dos Trabalhadores Rurais
MN	- Movimento Negro
INCRA	- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso
UFPB	- Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DOS POVOS DO CAMPO.....	16
2.1 COMO TRABALHAR A REALIDADE DOS SUJEITOS DO CAMPO EM SALA DE AULA.....	17
3 A EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL.....	19
3.1 A EDUCAÇÃO POPULAR COMO PRÁTICA DE ENSINO NAS ESCOLAS	21
4 A EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL	26
4.1 O PAPEL DA ESCOLA CONTRA O PRECONCEITO E O RACISMO.....	29
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	29
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE BARRA DE ANTAS EM SAPÉ-PB.....	29
5.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	32
5.3 DIÁLOGO COM O RESULTADO DA PESQUISA.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICES	
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

Meu tema de pesquisa tem como foco a educação étnico-racial, e busca investigar como as questões ligadas a diversidade cultural, raça e etnia são vistas e trabalhadas na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Barra de Antas, no município de Sapé-PB. Pois, sabemos que as questões ligadas à raça e origem cultural são cada dia mais motivo de discussão em todo o Brasil.

Os motivos que me levaram a realizar este estudo sobre educação étnico racial possuem raízes na minha origem familiar, pois venho de uma família bastante miscigenada e o fato deste tema ser um tema que está sempre em evidencia na sociedade, pois observo sempre nos noticiários situações de preconceito. Outro motivo também que me motivou a fazer esta pesquisa é o fato de que sempre fiz meus estágios acadêmicos na área rural e no decorrer destes estágios sempre senti a carência de se trabalhar conteúdos ligados as questões étnicas e raciais uma vez que se sabe que nos assentamentos rurais encontramos pessoas de diferentes origens culturais e de diferentes grupos étnicos.

Trabalhar este tema nas escolas é importante porque através dele podemos nortear os aspectos étnicos-raciais e culturais que se deram através do processo de miscigenação no nosso país, onde através deles podemos mostrar as contribuições deixadas pelos grupos étnicos para nossa sociedade tais como: a linguagem, pinturas rupestres, culinária, danças, vestimenta, memória de lutas, bem como também toda uma bagagem cultural deixada pelos grupos em todos os territórios do Brasil. A diversidade regional em todo o país existe e produz uma vasta bagagem cultural que hoje serve de referência atraindo turistas e historiadores gerando assim empregos e renda em todo os lugares, a valorização das questões étnico-raciais na escolas tem papel gerador pois traz para as escolas conteúdos que tiram o indivíduo da situação de oprimido e o mostra uma realidade diferente daquela que sempre foi moldada mostrando vários aspectos culturais que partem da realidade, assuntos que fazem ligação entre presente, passado e futuro, conteúdos estes que vão desde a formação do nosso país até as questões de preconceito e desigualdade que até hoje se perpetuam, todos esses aspectos possibilitam um maior entendimento sobre como o nossa civilização foi construída e também do papel transformador e

libertador que a educação étnico-racial produz na educação, formando assim cidadãos mais pensantes, mais críticos e com liberdade de expressão.

Este trabalho justifica-se pela necessidade de trabalhar os aspectos étnico-raciais e culturais encontrados na comunidade barra de antas, pois trata-se de uma comunidade rural com pessoas oriundas de diferentes grupos étnicos e que na comunidade por sua vez nunca foi feito um trabalho voltado para essa questão, onde por esse fato os moradores não demonstram conhecimento nem clareza quando são questionados a se a auto afirmarem quanto a sua cor, raça ou etnia.

Como sabemos o processo de colonização da Paraíba se deu através de lutas e guerras travadas entre os colonizadores europeus e as tribos indígenas aqui existentes, foi um processo doloroso e árduo onde houve vários massacres, escravidão e abusos. É importante que tenhamos a consciência de que nosso Estado é mestiço e que aqui habitam pessoas de várias origens culturais, com diferentes aspectos tanto físicos quanto culturais e que é de grande valia que a sociedade paraibana tenha noção da importância da valorização dessas diferenças e de como é importante trabalhar esses pontos nas escolas e nas comunidades visando sempre a valorização da cultura de nosso estado.

A importância desta investigação e deste levantamento de dados para a sociedade brasileira, nordestina e, sobretudo, para o assentamento Barra de Antas situado na cidade de Sapé –PB a 55 km de João Pessoa –PB, está diretamente ligada ao fato de sermos um país miscigenado e com sua trajetória marcada pelo preconceito e desigualdades, pois sabemos que a luta dos grupos étnicos que são vistos por muitos como inferiores, vem desde a fundação de nosso país e se estende até os dias de hoje essa luta pela liberdade de expressão e também pelo reconhecimento de seus direitos como cidadãos brasileiros e acima de tudo como seres humanos livres e pensantes, este trabalho tem o intuito de mostrar alguns aspectos positivos e alguns pontos cruciais que mostrem que a educação étnico racial deve ser trabalhada de forma mais ampla nas escolas e nas comunidades.

Nosso objetivo geral, analisar aspectos étnico-raciais de uma escola do campo no Assentamento Barra de Antas – Sapé –PB. E, como objetivos específicos: Contextualizar a comunidade de Barra de Antas – Sapé –PB; Compreender a importância da valorização da origem étnico-racial do indivíduo. Ressaltar a

importância dos costumes e crenças deixados pelos grupos étnico-raciais na referida comunidade e Discutir questões emergentes como preconceito e discriminação por cor da pele (racismo), etnia e origem cultural na escola X de Barra de Antas, em Sapé-PB.

A metodologia consistiu em uma pesquisa com abordagem qualitativa, de caráter exploratório e contemplou aportes da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo utilizando o procedimento do questionário, roda de conversa e intervenção, através de oficina (MINAYO, 2006), que se delineou em diferentes etapas, a saber:

1º momento: Fazer visitas aos moradores mais antigos da comunidade visando fazer entrevista com os mesmo a respeito de sua origem cultural: onde nasceram, de onde vieram seus pais, avós e qual o pensamento que ele tem a respeito das questões étnico-raciais.

2º momento: Roda de conversa com a comunidade estudantil, família e funcionários, onde através da exibição de vídeos de incentivo à cultura e vídeos de combate à discriminação e racismo, mostraremos a importância do auto reconhecimento quanto a sua origem étnico-racial e debater as questões de preconceito e discriminação quanto a cor da pele (racismo) e origem cultural, com intuito de levantar dados a respeito do tema em questão.

3º momento: Realização de uma segunda roda de conversa, onde desta vez trabalharemos os fatos históricos ligados ao tema que ocorreram dentro da comunidade tais como: Ligas camponesas onde trabalharemos a questão do preconceito vivenciado pelo líder local João Pedro Teixeira, que ao pedir a mão de sua esposa em casamento teve o pedido negado pelo sogro, por ser um homem Negro e pobre, bem como também outras personalidades negras do movimento ligas camponesas. E, por fim, aplicamos um questionário aos professores e membros da comunidade visando a coleta de dados empíricos e buscando mostrar como as questões étnico-raciais e culturais estão presentes na história da comunidade bem como a questão do preconceito, e discriminação sempre estiveram ligados a história da comunidade e se fazem presentes ainda hoje no mundo.

Sendo assim, a pesquisa foi dividida em cinco capítulos, no primeiro, apresentamos o fenômeno, motivação, problemática, objetivos, metodologia e

estruturação. No segundo, a discussão sobre a identidade cultural dos povos do campo e seus aspectos educacionais; No terceiro, focamos na Educação Popular (EP), mais direcionada com ênfase do diálogo da EP com os movimentos sociais e práticas de EP na educação formal. O Quarto capítulo, direcionamos para o debate da educação étnico-racial e de como esse debate precisa está presente na sala de aula e no ambiente escolar. No quinto, apresentamos os resultados da pesquisa, e por fim, as considerações finais.

2 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DOS POVOS DO CAMPO

No Brasil o processo de construção da identidade cultural dos povos do campo deu-se com a mistura de povos indígenas, negros e brancos, ou seja, três matrizes: Tupi, Afro e Luso (RIBEIRO, 1995). Os índios sendo os nativos do lugar, foi um processo sofrido com uma realidade dolorosa, pois foi um processo de construção que se deu através da exploração, escravidão, e, sobretudo, de violência. Em todo o processo de construção de nossa identidade um traço marcante foi a questão religiosa, onde os jesuítas desempenharam papel forte na educação e formação religiosa dos índios, que desta forma foram obrigados a se enquadrarem e aceitarem a religião posta a eles pelos jesuítas.

Vale ressaltar que a construção da identidade cultural do campo está ligada diretamente com as diferenças sociais existentes em todo o território do país, cada região, cada estado, cada lugar tem sua particularidade e seu estilo da vida, e suas maneiras próprias de ação e reação no que se diz respeito a cultura, cada classe social traz em si sua cultura e suas particularidades, que são resultado de transformações e mudanças adquiridas e conquistadas ao longo de todo o processo de construção da identidade cultural brasileira,.

Todo o processo de construção da identidade dos camponeses foi e ainda é marcado por conflitos e situações de resistência onde se existia uma cultura tida como superior, e outra tida como inferior que vem desde os tempos primários, processo esse que se deu com a resistência e luta dos indígenas e dos negros. Sendo assim, os indígenas, africanos e descendentes de africanos foram os primeiros a terem contato íntimo com a vida do campo, durante seus primeiros anos,

com o passar do tempo e com a chegada dos brancos vindos da Europa deu-se início um processo de modificações onde a cultura local sofreu impactos e modificações com a influência da cultura europeia, que, dessa forma, trouxe alterações nas características e no modo de vida dos povos do campo, os fazendo desta forma uma camada com distintas características.

Atualmente, em nosso país a pluralidade cultural em termos é valorizada, toda essa valorização é hoje vista graças à luta das classes, tidas outrora como inferiores somada a luta por diversidades tidas, outrora, como inferiores. Estas lutas impulsionadas por sujeitos que foram excluídos do direito à terra buscaram serem vistas como parte integrante da sociedade vem atingindo patamares antes tidos como inatingíveis, todo esse avanço deve-se a multiplicidade de culturas existente em nosso país e que convivem diariamente possibilitando assim um desafio que é a melhoria na qualidade de vida e de educação no campo.

Mas, isso ainda hoje é motivo de questionamentos e indagações, pois ainda podemos observar no campo comunidades vivendo em situações abandono a marginalizadas vivendo em situações de exclusão social devido a sua origem, raça, credo religioso e classe social.

2.1 COMO TRABALHAR A REALIDADE DOS SUJEITOS DO CAMPO E SUAS DIFERENÇAS CULTURAIS EM SALA DE AULA

A educação do campo se constitui enquanto uma educação que possibilita uma educação elaborada com os sujeitos do campo e não para o campo, anteriormente, imposta pelo Estado brasileiro e denominada de educação rural (CALDART, 2012).

Nesse sentido, se faz necessário que os conteúdos de ensino e aprendizagem para os povos do campo trabalhem uma didática que seja significativa e contextualizada com a experiência de sua existência e meios de sua sustentabilidade e diversidade local e cultural. O que ficou conhecido como Educação do campo, segundo a Resolução CNE/CEB Nº 1/2002.

Ao entrarmos em contato com uma sala de aula em uma escola de zona rural nos deparamos com uma realidade totalmente diferente da vivenciada em uma sala de aula em uma escola de zona urbana, encontramos alunos de diferentes faixas

etárias de idade e de diferentes, etnias, religiões, e origens distintas, esses aspectos são aspectos fortes e bastante marcantes na individualidade e na personalidade dos alunos do campo.

A diferença cultural é bastante notória em todo o ambiente, por se tratar de alunos com raízes culturais bastante marcantes, é de extrema importância o papel do professor no processo de socialização e integração destes alunos, que tendo em mente o interesse de facilitar a convivência e promover o aprendizado sem que se perca essa identidade do campo que o aluno já traz consigo. “Pois sabemos que a cultura é resultado produção humana, que está ligada de forma inseparável com a condição humana do indivíduo, onde através de suas vivências vai se transformando e construindo sua própria identidade, onde a cultura o transforma e ele a transforma também” (MENDES, 2015).

Para que essa transformação possa ocorrer no espaço escolar é necessário que aconteça interação entre eles e essa diferença de bagagem cultural e a divergência dos pensamentos não venham a ser um empecilho no processo de ensino aprendizagem da turma, buscando sempre trazer a realidade e vivências destes alunos como ponto de partida para o processo de ensino e aprendizagem onde essas diferenças culturais existentes venha ser um objeto de estudo e de ensino aprendizagem garantindo assim a convivência e respeito mútuo em sala de aula garantindo assim o multiculturalismo que é a convivência pacífica de indivíduos de culturas diferentes em um mesmo ambiente.

Sabemos que a pluralidade cultural se remete à valorização das características étnicas e culturais de cada indivíduo e cada grupo que convive em um território ou em uma nação. O Professor deve trabalhar os aspectos culturais apresentados por seus alunos em sala de aula, sua origem, sua etnia, sua religião, sua sexualidade, sua forma de falar, todas as características culturais devem ser trabalhadas para que o aluno tenha noção de sua verdadeira identidade como ser humano que vive, pensa, e aprende consigo mesmo e com o ambiente escolar, o professor deve trabalhar essas questões de maneira discursiva e reflexiva em sala de aula, através de conteúdos que partam da realidade e das vivências diárias do aluno, trazendo para estudo em sala de aula, através de diálogos informais em sala de aula, leitura de livros e revistas com conteúdos atuais que visem sempre a valorização da cultura e o respeito as diferenças quanto a raça, cor, gênero e origem étnico-racial. Onde o

mesmo deve deixar que os alunos se expressem, se apresentem digam quem são, onde moram, de onde vieram, com que trabalham, o que gostam de fazer para que a partir deste levantamento de identidades possa ser feito uma seleção de conteúdos nas diferentes áreas do conhecimento lembrando sempre de buscar sempre manter a realidade campestre dos alunos em evidência.

Essas atividades podem ser desenvolvidas através de oficinas em sala de aula, produções textuais, desenhos, exposição oral, dinâmicas culturais e etc., vale ressaltar que o professor deve permitir que o aluno exerça sua autonomia, ficando claro que o professor não é dono de todo saber e nem que só ele pode expressar-se em sala de aula, como afirma Gadotti (1999), o professor para promover diálogo em sala de aula não deve se colocar como detentor de todo conhecimento, mas sim colocar-se na condição de facilitador do conhecimento, considerando que todos os alunos são portadores de conhecimento e de saber cultural.

A educação contextualizada deve levar em conta uma prática educativa que valorize a diversidade cultural de maneira distinta, onde desta maneira o aluno se sentirá mais seguro para expor aquilo que pensa e interagir de maneira produtiva com o ambiente escolar, onde essa pluralidade cultural existente na sala de aula promova conhecimento nas áreas sociais, promovendo socialização, interação, onde um aprende com o outro e sobre o outro, sua religiosidade, seus costumes, sua origem promovendo a convivência pacífica e mútua dentro do ambiente escolar.

Compreendemos o método da Educação Popular em sua base: problematização, tematização e contextualização através de um tema gerador como uma das formas de realizar a educação do campo no meio rural (FREIRE, 2011).

3 A EDUCAÇÃO POPULAR NO BRASIL

A Educação Popular é um ato que não está diretamente ligado a escola, mas ela está diretamente ligada com as questões ligadas às questões étnico-raciais quando levamos em conta que ela provém da união das camadas populares, na luta de interesses em comum visando atender as necessidades de uma ou mais categorias tendo em vista a emancipação, libertação e, sobretudo, proporcionar o pensamento crítico, promover a expansão do pensamento de liberdade, principalmente, unir as

forças nessa busca, tendo em vista o desejo de ir cada vez mais longe e atingir os níveis mais elevados de satisfação social. É nesse que as questões se interligam, pois, a educação étnico-racial vem para as camadas populares, visando combater o preconceito.

A Educação popular nasceu fora da escola, no seio das organizações populares, mas seus princípios e sua metodologia, com bases emancipatórias, tiveram uma repercussão tão grande na sociedade que acabaram cruzando fronteiras e os muros das escolas, influenciando práticas educativas, tanto as que acontecem nos espaços escolares, como as que ocorrem em outros espaços educativos, como nos sindicatos, nas ONGs, Associações de Moradores, Reuniões do Orçamento Participativo (OP), nos conselhos populares etc.(PEREIRA, 2010, p. 73)

A Educação Popular no Brasil é tida como um método que valoriza os saberes dos povos considerando sua realidade, sua cultura e seu olhar crítico na construção de novos saberes, a educação popular vem ganhando cada dia mais destaque e vem se tornando motivo de debate nas instituições de ensino do Brasil, como também fora do ambiente escolar, a luta das classes por seus interesses, a busca por melhores condições a união de grupos com interesses em comum buscando ter seus direitos adquiridos vem cada dia mais se tornando crescente.

A educação popular vem se mostrando como uma ferramenta para a construção e incentivo para participação popular para as questões que dizem a respeito às direções de construção do saber coletivo e construção da vida social, visando sempre utilizar os saberes dessa camada popular como ponto de partida para direcionar a construção dos saberes essenciais para vida como também para a instrução do ensino escolar e a emancipação do indivíduo visando sempre a produção do saber crítico para que assim seja produzida uma camada de indivíduos pensantes e conscientes de seus direitos e deveres para que assim exerçam e lutem para que venham a tomar posse daquilo que a vida e a sociedade os pode proporcionar.

A educação popular e a educação étnico-racial têm interesses coletivos pois visam a libertação de uma situação de opressão, pois lutam por causas coletivas com intuito de promover o multiculturalismo e a liberdade de expressão cultural dos indivíduos, para que os mesmo saiam da condição de oprimidos que a sociedade os impõe e passem a se enxergarem como sujeito não só de deveres, mas como

também sujeitos com direitos, e as duas educações juntas os fazem reivindicarem esses direitos outrora negados por uma sociedade preconceituosa e discriminatória.

A educação popular está ligada diretamente aos movimentos sociais que visam a melhor qualidade de vida, melhores condições de trabalho, respeito a suas diversidades, isso diz respeito às questões religiosas, culturais, étnico-raciais, de gênero e sexualidade onde todas essas questões são procedentes da busca e da luta por interesses comuns e coletivos dessas classes variadas que buscam sua emancipação e seu direito de ir e vir para serem enxergadas como cidadão e mais do que isso como seres humanos livres e emancipados.

A realidade social é um foco que impulsiona esse ato político e social que é a educação popular, visando sempre a transformação da realidade social, onde este processo tem em vista a mudança e a qualidade de padrões de vida e de conduta, isso implica em liberta-se de antigos paradigmas que outrora aprisionavam e buscar a libertação e emancipação guiados pelo pensamento em comum

3.1 A EDUCAÇÃO POPULAR COMO PRÁTICA DE ENSINO NAS ESCOLAS

A educação popular vem cada dia mais ganhando destaque nas escolas, por se tratar de uma educação que parte da realidade do aluno onde seus saberes e conhecimentos prévios adquiridos fora do ambiente escolar são utilizados como ponto de partida para o processo de ensino aprendizagem.

Discutir sobre educação popular como processo de ensino aprendizagem é procurar compreender conflitos, lutas e situações de ganho e de perda que levaram a busca de novas práticas pedagógicas para serem trabalhadas no ambiente escolar, novas ideias e novos horizontes norteados a partir destas situações que geraram movimentação de novas ideias buscando melhorar as relações de educador e educando sem deixar de lado o desejo da busca por melhores condições de educação e de qualidade de vida de maneira que o indivíduo seja estimulado a pensar criticamente de maneira a buscar modificar e melhorar a situação a qual não está se sentindo satisfeito

Sendo assim, a escola pública se fortalece ao consolidar suas atuações como educação popular. Seus processos cotidianos se

elaboram em uma trama capaz de acolher e estimular o pensamento divergente, a invenção de percursos e a incorporação da diferença. Nos entrelaçamentos cotidianos se redefinem as relações, criam-se possibilidades alternativas de partilha do poder e do saber, constituindo processos, práticas, projetos, esperanças coletivamente tecidos. (ESTEBAN, 2007, p.16)

Como afirmado na citação acima a partir do momento que a escola consolida suas atuações como educação popular, suas ações como estrutura pedagógica, mediadora do saber e estimuladora do pensamento crítico ganham mais força onde o educando sente-se estimulado a cada dia mais buscar sua emancipação, partilhando seu conhecimento prévio e aprendendo com o saber coletivo.

Outro fator que vem ganhando força nas escolas é a questão do gênero e sexualidade nas escolas, esse fato se deve em razão dos fatos e acontecimentos ocorridos dentro do ambiente escolar, onde esse acontecimento tem chamado cada dia mais a atenção dos educadores, onde muitos não sabem como proceder diante de tais situações o que mostra uma falta de aprofundamento dos educadores nas teorias que abordam as questões de gênero, orientação sexual e identidade sexual do indivíduo.

Um novo horizonte para que essas questões venham a serem trabalhadas de maneira mais eficaz e que vise a melhor compreensão dessas questões é a Teoria Queer que busca compreender e explicar as questões “A Pedagogia Queer nasce do esforço teórico de pesquisadoras(es) da área da Educação em utilizar conceitos produzidos pela Teoria Queer para pensar novas estratégias pedagógicas que sejam não-normativas”.(DINIS, 2013). Onde essas novas estratégias visam compreender e explicar de forma mais ampla as questões relacionadas ao gênero, orientação e identidade sexual de forma mais ampla, apresentando caminhos para que sejam trabalhadas de maneira mais eficaz tanto no ambiente escolar quanto fora dele, uma vez que nas escolas a realidade é diversificada e encontramos dentro do ambiente escolar pessoas de diferentes comportamentos e de distintas orientações sexuais.

Além disso, a discussão de gênero e de raça/etnia precisam ser refletidas quando discutimos a realidade do campo porque na sociedade atual, tais questões possibilitam um olhar para o campo das diversidades

Dessa forma, pensar sobre as diversidades também se constitui em um fazer da educação popular que contempla uma metodologia que nasceu fora do ambiente escolar, e está ligada diretamente a condição social e identitária do povo, partindo de seus conhecimentos prévios tendo sua realidade como instrumento para a construção e busca tanto de novos saberes como para a construção do conhecimento e emancipação do indivíduo frente a realidade social, ela parte está ligada diretamente com as camadas menos favorecidas que se unem na busca de um interesse em comum, interesse esse que gera a busca a luta das classes.

A educação popular é instrumento de mudança, de emancipação, de valorização do conhecimento do homem, uma vez que o homem necessita dispor de ferramentas necessárias à sua sobrevivência, na educação popular o sujeito não é visto como um ser criado para trabalhar e obedecer a regras sem ter noção do que e de para que está desenvolvendo e fazendo tal coisa, é uma educação feita para as classes populares nos incentivando e os motivando a ser sujeitos autônomos, capazes de pensar criticamente a respeito de toda e qualquer situação que se esteja vivenciando, a educação popular tem o interesse de possibilitar a liberdade, fazendo assim sujeitos livres e donos de seus próprios destinos.

Na educação popular as classes tidas como dominadas são vistas como sujeitos pensantes, capazes que podem e devem agir em virtude de conseguir mudar a realidade, transformar por meio da luta, dos movimentos em massa as situações de opressão e de desigualdades vividas, através de iniciativas que tenham como objetivo apresentar a caminhos para entender e transformar o seu mundo, o tornando assim um sujeito ativo e não um mero figurante num mundo desigual e individualista, o propósito da educação popular é transformar o indivíduo o estimulando a pensar criticamente, a agir de maneira consciente visando sempre entender o porquê de tudo, levando a questionar todas as situações que o são propostas, tendo sempre em mente o desejo ir cada dia mais longe, buscar, questionar seu lugar na sociedade.

No que se diz respeito ao fato da educação popular estimular o indivíduo a pensar criticamente sua condição na sociedade e buscar a melhoria em sua condição, podemos destacar os movimentos: Movimento Sem Terra (MST), Movimento negro e o Movimento LGBT, como alguns dos movimento que vem cada

dia mais ganhando destaques e de maior proporção, pois o MST, entre outros movimentos da luta camponesa, possibilita a luta pela posse da terra, bem como pelos direitos de ter uma educação de qualidade toda essa luta origina-se de uma classe menos favorecida que vive a margem da sociedade que a partir do pensamento crítico de sentir-se em desvantagem lutou e luta para ter seus direitos assistidos e assim tornarem-se sujeitos emancipados com seu direito de ir e vir garantidos (GOHN, 2000).

O Movimento Negro (MN) luta contra o racismo físico e institucional e por uma educação das relações étnico-raciais entre todos, negros e não negros, de forma não discriminatória e na busca de uma superação dos preconceitos (MUNANGA, 2001).

Já o movimento LGBT vem sendo motivo de questionamentos, pois cada dia mais as situações de discriminação por orientação sexual vem sendo cada dia mais frequente, nas escolas, nos ambientes públicos as questões relacionadas a gênero, orientação sexual e identidade sexual vem ganhando cada dia mais destaque, onde a teoria Queer vem sendo estudada com intuito de cada dia mais promover a emancipação desses indivíduos, para que eles se tornem sujeitos autônomos e parte integrante da sociedade (DINIS, 2013).

Tudo o que foi ressaltado se encaixa na educação popular no sentido de que a educação popular tem papel motivador de produzir a racionalização do pensamento crítico, fator esse que leva as classes menos favorecidas a questionarem sua condição perante a sociedade e ir em busca e mudanças, a emancipação do indivíduo é umas das principais marcas da educação popular, pois é através dela que o indivíduo torna-se consciente de seus direitos e deveres, a partir dela ele aprende a construir ideias que o levem a libertação de sua condição passiva em sociedade e o torna um construtor de sua própria história por meio do saber crítico.

Ao refletirmos de maneira geral sobre a educação popular podemos concluir que ela vai muito mais além do partir da realidade do sujeito e de emancipar, ela é uma estratégia de salvação social do sujeito, pois ela os mostra como agir, qual horizonte tomar, ela o impulsiona a pensar “ de onde vim e para onde vou” ou “até onde posso ir”

A Educação popular acompanha, apoia e inspira ações de transformação social. Nela, o processo educativo se dá na ação de mudar padrões de conduta, modos de vida, atitudes e reações sociais. Portanto, se a realidade social é ponto de partida do processo educativo, esta volta a ela para transformá-la. (WERTHEIN, 1985, p. 22)

A educação popular é um ato de inspiração, que estimula ações, atitudes, impulsiona o sujeito a traçar estratégias de busca e compreensão para que a sociedade na qual se está inserido possa ser entendida, para que o sujeito enxergue sua real condição social e seja capaz de pensar em maneira de tornar um sujeito ativo que vive e pensa para que não venha a ser apenas um mero expectador de um sistema excludente, onde a realidade social seja o ponto de partida do processo educativo bem como todo o processo de transformação da sociedade,.

A transformação da realidade social é possível desde que o indivíduo seja capaz de pensar criticamente, analisar e conseguir identificar as principais causas e fatores e o colocam em condição de menos favorecido, a partir do momento em que a educação popular se apresenta e a partir dela ele consegue enxergar os caminhos que são possíveis de serem trilhados que as condições de opressão poderão ser sanadas onde a partir daí o sujeito seja um ser ativo, construtor de saberes e autônomo em sua história, o papel da educação popular é promover a autonomia das classes, promover reflexões e estimular o sujeito a cada dia mais buscar essa autonomia e é por meio da educação que isso é possível, aliando os saberes populares com os saberes pedagógicos que a educação popular do Brasil poderá atingir níveis mais elevados de sujeitos pensantes e assim promover cada vez mais a tão falada emancipação, para que dessa maneira tenhamos uma sociedade mais justa e igualitária que todos querem e desejam viver um dia.

4 A EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

Educação étnico-racial é uma educação voltada para as características de diversos grupos étnicos que deram origem a um povo, no Brasil as heranças herdadas pelos grupos raciais é muito evidente em nosso meio. Vale lembrar que viemos de uma sociedade escravista e preconceituosa que deixou profundas sequelas de desigualdade, onde o preconceito foi o traço mais marcante, a educação étnico-racial.

Neste olhar, a educação étnico-racial é um meio de valorização e uma estratégia para se trabalhar as questões ligadas a Etnia, raça e também a toda uma bagagem histórica e cultural, a educação étnico-racial visa promover a sociedade e a ao povo brasileiro um conhecimento de toda a contribuição que foi deixada pelos nossos antepassados, visando resgatar valores e promover o respeito e a integridade de uma sociedade outrora oprimida, visando também a preservação dos costumes e crenças de grupos culturais, com intuito emancipador e libertador mostrando ao indivíduo que todo o ser humano merece respeito e que todos são sujeitos de direitos que merecem atenção e merecem serem ouvidos, atendidos e acima de tudo reconhecidos enquanto seres humanos que tem cultura própria e liberdade para se expressar sem ter sua integridade ferida, o papel da educação étnico-racial é conscientizar a todos sobre a importância da diversidade cultural para a sobrevivência de costumes e de lugares.

As escolas no campo¹ são hoje muito carentes das questões ligadas a educação étnico-racial, pois mesmo se tratando de locais com maior presença de pessoas miscigenadas, oriundas de diferentes locais e diferentes grupos étnicos, um dos fatores de maior empecilho é a falta de informação e de conhecimento sobre as questões ligas a raça e etnia, vivemos em uma sociedade mesquinha onde as escolas rurais vivem uma situação de esquecimento e abandono, mesmo sendo um campo um local de riquezas e de saberes genuínos, mas a escola por vezes é falha nos quesitos étnico-raciais.

Trabalhar as questões ligadas a educação étnico-racial nas escolas do campo significa trabalhar a realidade de uma sociedade miscigenada, significa trabalhar a

¹ A Escola no Campo é toda escola situada na zona rural ou na zona urbana, desde que prioritariamente atenda estudantes considerados sujeitos do campo (CALDART, 2012).

realidade de uma sociedade marcada pelo preconceito e pela inversão dos valores, no mundo que vivemos é imprescindível a educação étnico-racial nas escolas para que dessa maneira seja promovida a conscientização dos alunos e professores sobre a importância de se trabalhar os costumes, crenças e a importância da cultura negra no processo de construção de nossa sociedade, pois tendo em vista tendo sido este o grupo étnico-racial que mais sofreu durante todo o processo histórico do Brasil,

O que é raça?

O termo raça se liga diretamente a divisão tradicional dos grupos humanos, sendo este termo tido para separar as pessoas de acordo com sua cor, traços físicos, formato de cabeça, e, sobretudo, para separar as pessoas de acordo com sua origem étnico-racial, o termo raça aparece com frequência em quase todos os questionários, entrevistas de emprego, ou seja, é um termo que está interligado a condição de vida do ser humano (GOMES, 2005).

O que é etnia?

O termo etnia está interligado ao sentimento de pertencimento e identificação do indivíduo, onde o mesmo se identifica com um grupo a partir de características homogêneas de pertencimento, coletividade de semelhanças biológicas (GOMES, 2005).

O que é racismo?

Racismo é um processo que consiste em caracterizar uma raça como sendo superior a outra, ou seja existe toda uma hierarquia por trás de todo esse processo, uma hierarquia falsa advinda dos tempos da colonização do Brasil, onde a classe europeia era tida como dominante superior da demais; indígena e africana, e esse racismo perdura até os dias de hoje pois mesmo com o passar de tanto tempo a sociedade ainda traz consigo esses traços marcantes de preconceito (GOMES, 2005).

Nos dias atuais o preconceito continua de forma mascarada e às vezes até escancarada dependendo do ambiente, vivemos em uma sociedade onde vale mais

quem tem mais, e no que se diz respeito às questões de cor da pele e origem social as coisas não são diferente, quanto mais clara for a cor da pele a pessoa mais ela é bem aceita na sociedade do contrário quanto mais escura a cor da pele e mais carente em origem social menos a pessoa é vista e acolhida na sociedade, é certo de se dizer que não são todos que praticam o preconceito, nem todo mundo é racista mais uma boa parte é sim, mesmo que de forma indireta pois o preconceito e o racismo nem sempre acontece de forma direta.

O preconceito racial está ligado ao fato de discriminar e ferir o ego de uma pessoa por sua origem racial, pela cor de sua pele, tipo de cabelo ou traços físicos, isso ocorre com mais frequência em lugares tidos como de elite: shoppings center, restaurantes de luxo e muita das vezes também acontece até dentro da própria casa.

As pessoas negras são as pessoas que mais sofrem esse tipo de preconceito, quem nunca ouviu na televisão ou viu em jornais casos de preconceito explícito contra pessoas negras ou tidas pela sociedade como não “brancas” hoje isso é algo muito em evidência mesmo após 130 anos do fim da escravidão fatos como este ainda acontecem com frequência no Brasil, pois a escravidão acabou mas o que falta para as pessoas é conscientização, pois muitos ainda vivem presos a dogmas e paradigmas do passado, muitos ainda hoje tem a ideia de que todo negro é burro, todo negro é preguiçoso, e que todo negro é pé rapado, mesmo sabendo que no Brasil também houve escravidão Indígena, mas o grupo que mais sofreu foram os negros humilhados e aprisionados como animais em gaiolas sem liberdade de expressão nem cultural nem religiosa.

Hoje em dia vivemos uma sociedade que pratica o preconceito calado, ou seja o indivíduo se intitula como não sendo preconceituoso, mas no fundo quando se observado seu comportamento e maneira de viver se nota um distanciamento da pessoa para com os grupos étnicos menos favorecidos ou tidos como inferiores por uma massa egoísta e mesquinha da sociedade.

4.1 O PAPEL DA ESCOLA CONTRA O PRECONCEITO E O RACISMO

Sabemos que na atualidade a escola é uma das maiores fontes de comunicação e conhecimento, a escola tem caráter transformador e motivador na vida de um indivíduo, o papel da escola é fundamental no quesito formação de valores ou seja é na escola onde o indivíduo se socializa com pessoas de diferentes origens e diferentes traços culturais, daí a importância de se ter na escola educadores preparadas para repassar esse conhecimento de maneira multiculturalista visando a conscientização dos valores culturais deixados por cada um dos grupos étnicos que deram origem ao nosso país, não só mostrar os valores mas como também a importância de toda uma bagagem cultural deixada para nós, a escola apresenta um papel fundamental nesse quesito pois é lá que acontece o momento do saber, onde os alunos vão entrar em contato com os conteúdos e cabe a quem ensina buscar sempre práticas que visem combater o preconceito e o racismo, para que pela educação consigamos construir um multiculturalismo, onde possamos conviver com as diferenças e sabermos valorizar todos aqueles que contribuíram para que hoje vivamos. Se hoje o Brasil sobrevive é porque nossos antepassados deram condições para isso.

A Lei 10.639/03 tem como base o ensino de história e da cultura afro-brasileira e africana, visando valorizar a importância da cultura negra para a formação da sociedade brasileira, bem como ressaltar a importância da valorização da cultura africana, pois sabemos que os negros sofreram e ainda sofrem preconceito na sociedade atual.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE BARRA DE ANTAS EM SAPÉ-PB

A comunidade Barra de Antas foi palco de um dos movimentos mais marcantes do Nordeste, as Ligas camponesas², pois foi na comunidade que tudo

² As Ligas Camponesas ocorreram na década de 1950 em todo o nordeste. Iniciou em Pernambuco, mas a mais famosa foi a Liga de Sapé, na Paraíba

teve Início, João Pedro Teixeira (1918 -1962), o fundador das ligas camponesas de Sapé residiu por muito tempo no assentamento, João Pedro era Natural da cidade de Pilões/PB, mas ainda jovem veio para a comunidade Barra de Antas (TEIXEIRA, 2013).

Conforme relatos na comunidade tudo teve início quando João Pedro conheceu a Jovem Elizabete Teixeira e logo se apaixonou por ela, indo pedir a mão da moça em namoro, porém a relação não foi vista com bons olhos pelo Sr. Manoel Justino da Costa, pai da Jovem Elizabete Teixeira que negou a mão de sua filha em casamento, Manoel Justino não aprovou a união pelo simples fato de João Pedro ser um homem pobre e negro tendo em vista a preconceito existente naquela época, pois Elizabete era uma moça branca e de condições financeiras elevadas para época, fato este que impossibilitou a aceitação da união, mesmo contra a vontade do pai da moça os dois se casaram no dia 26/07/1942, indo os dois morarem em uma casa nas propriedades de Manoel Justino, pai de Elizabete e sogro de João Pedro Teixeira, mesmo diante dos obstáculos os dois tiveram uma união feliz e desta união nasceram 11 filhos (TEIXEIRA, 2013).

.Tudo começou a se modificar no final da década de 50 quando João Pedro após passar um período trabalhando no Engenho Galiléia situado Vitória de Santo Antão -PE começou ao observar a maneira cruel e desumana pela qual os trabalhadores rurais e moradores de condição eram tratados pelos latifundiários donos das terras as quais trabalhavam, João Pedro passou a questionar aquilo, suas ideias começaram a fluir e ele passou a reunir os trabalhadores e a terem diálogos com eles a respeito daquela situação, onde logo passou a ser visto com maus olhos tanto pelo sogro quanto pelos latifundiários e fazendeiros da região, pois suas ideias estavam cada dia mais ganhando força e gerando repercussão entre os camponeses. Daí em diante João Pedro juntamente com Pedro Inácio (Pedro Fazendeiro) e João Alfredo Dias (Negro Fuba) fundaram as ligas camponesas de Sapé, onde os mesmos passaram a se reunirem na feira livre de Sapé, onde faziam o cadastramento dos camponeses que desejavam se aliar ao movimento nesse sentido muitos camponeses e muitas pessoas que sofriam com a injustiça daquela época se aliaram ao movimento das ligas, em pouco tempo o movimento tornou-se conhecido em todo a Paraíba e em estados vizinhos, e o movimento começou a se

propagar mais e mais e os líderes do movimento passaram a sofrer ameaças por parte das autoridades da época (TEIXEIRA, 2013).

No dia 02 de Abril de 1962 João Pedro Teixeira foi a uma livraria situada na cidade de João Pessoa, onde o mesmo foi comprar materiais escolares para seus filhos, ao retornar para Sapé pegando o último ônibus, descendo do distrito de Café do Vento para voltar a pé para sua residência no então povoado de Barra de Antas. No meio do caminho mais precisamente nas proximidades da escola Cândida Emília da Rocha foi surpreendido por dois algozes e mortos com tiros a queima roupa. Com a morte de João Pedro, Elizabete Teixeira em protesto pela morte de seu esposo, assumiu a liderança das ligas camponesas juntamente com Pedro Fazendeiro e Negro Fuba. Elizabete Teixeira continuou a fazer o mesmo trabalho de João Pedro fazendo reuniões e passeatas contra os latifundiários e na busca pelos direitos dos camponeses menos favorecidos, mas Elizabete também passou a sofrer perseguições e ameaças de morte. No dia 18 de Dezembro, quando intimada a comparecer na delegacia, sua filha mais velha Marluce Teixeira vendo sua mãe ser conduzida a delegacia, imaginando que a mãe seria morta pela polícia envenenou-se tomando arsênico, vindo a entrar em óbito antes mesmo de chegar ao hospital, mas mesmo diante desses acontecimentos Elizabete não se acovardou e continuou ainda mais fortemente na luta (TEIXEIRA, 2013).

No dia 07 de Setembro de 1964 Pedro Inácio de Araújo (Pedro Fazendeiro) e João Alfredo Dias (Negro Fuba) foram intimados para comparecerem a um interrogatório no 15º Batalhão de Infantaria Militar na cidade de João Pessoa-PB. Após uma suposta liberação os dois líderes das ligas camponesas, nunca retornaram para casa, supõe-se que foram assassinados na saída do 15º batalhão, ainda hoje as famílias não tiveram uma resposta plausível sobre o desaparecimento dos dois, o que ainda hoje repercute na mídia se tornando mais um caso sem solução.

Elizabete Teixeira de tanto sofrer ameaças e perseguições foi morar na casa de seu pai Manoel Justino temendo por sua segurança refugiou-se lá. Um certo Elizabete mais uma vez chamada a comparecer a delegacia na cidade de Sapé, desta vez foi surpreendida na casa de seu pai com um camburão com vários policiais, onde a mesma notando que aquela situação era uma armadilha para a

torturada ou até quem sabe a matarem, se valeu do velho e o pediu que falasse com os policias e desse a palavra que no dia seguinte ela compareceria à delegacia.

No dia seguinte Elizabete saiu sim de casa dizendo que ia para a delegacia se apresentar, mas sabendo no que esse comparecimento à delegacia podia resultar em prisão e morte, mudou de destino e fugiu indo, para a cidade de São Rafael – RN, onde viveu escondida por 16 anos com o nome falso de Marta Maria da Costa, sendo a mesma descoberta só em 1981 pelo cineasta e jornalista brasileiro Eduardo Coutinho, Natural de São Paulo – SP, que foi um especialista em fazer documentários com pessoas simples. Entre seus trabalhos estão: *Cabra marcado para morrer* (1984); *O fio da memória* (1991); *Santos Forte* (1999); *As canções* (2011); entre outros. No filme *Cabra Marcado para Morrer*, a própria Elizabete Teixeira fez a interpretação de sua própria história, Elizabete recebeu a quantia de 100.000 reais do cineasta Eduardo Coutinho (TEIXEIRA, 2013).

Elizabete Teixeira ainda é viva e conta com 94 anos de idade, reside em João Pessoa no bairro de Cruz das Armas, mas ainda traz consigo toda lucidez e todas as marcas de uma vida marcada pela luta, dor e a perda de quem deu sua vida em defesa dos menos favorecidos e oprimidos de uma época onde o coronelismo imperava e que só tinha vez quem era branco, rico e poderoso.

5.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Barra de Antas, que localiza-se no Assentamento Barra de Antas, Zona Rural de Sapé-PB a aproximadamente 45 Km de João Pessoa, A escola foi inaugurada pela 1ª vez em 19 de abril de 1952, mais devido a sua condição precária foi reinaugurada em 09 de maio de 2014 pelo atual prefeito do município Flávio Roberto Malheiros Feliciano.

A escola funciona nos horários manhã e tarde e possui 11 funcionários, conta com 3 salas de aula, 1 sala de direção, 1 secretaria, 1 auditório, 1 laboratório de

informática, 1 cozinha, 1 refeitório, banheiro feminino e masculino e banheiro para deficientes de e rampa de acesso para cadeirantes. Conforme apresentamos na foto a seguir

FOTO DA ESCOLA E. M. E. I. E. F. BARRA DE ANTAS



Fonte: Arquivo pessoal de MATIAS, José Kleiton da Silva, 2019

Na imagem podemos ver a escola vista de frente e sua posição enladeirada. A maior dificuldade na escola é o acesso pois a escola situa-se em uma área serrana, onde a mesma situa-se em cima de uma serra, onde para chegar a mesma é necessário subir a serra, no inverno é muito dificultoso o acesso por se tratar de uma estrada onde o barro é amarelo (massapê), a O que falta na escola é uma quadra poliesportiva. Todo o material existente na escola é aproveitado de maneira satisfatória, bem como todos os recursos as carteiras são suficientes, livros didáticos, tem merenda todos os dias e todos os professores e alunos tem acesso aos recursos didáticos, A escola está sob a gestão da Gestora Josuely Santana da Silva que tem Magistério completo e atualmente cursa Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba.

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Barra de Antas localiza-se no Assentamento Barra de Antas, situado na zona rural de Sapé-PB, a escola possui 70 alunos frequentando distribuídos nos turnos manhã e tarde, a escola dispõe dos programas. Mais Educação e o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola, todas as decisões da escola são tomadas de forma participativa onde a comunidade

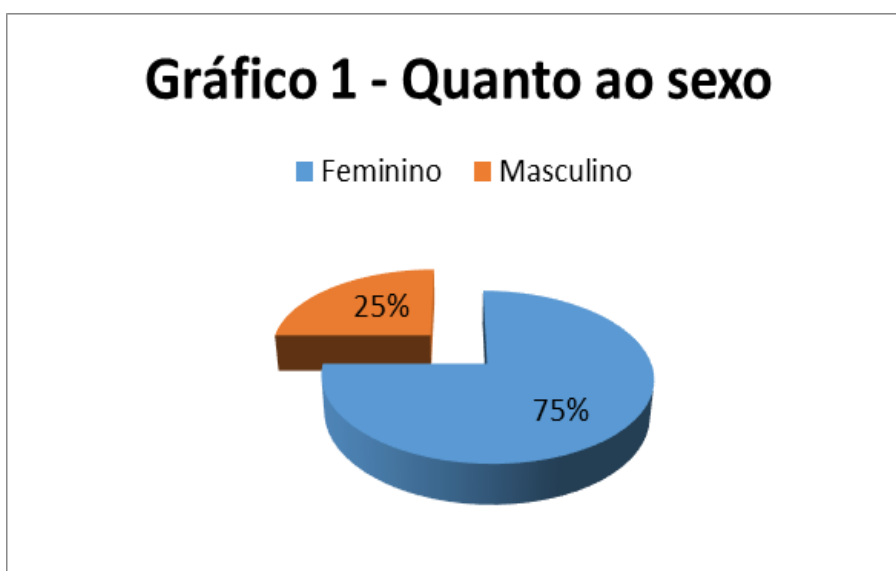
participa das decisões através de reuniões do conselho onde o conselho conta com representantes dos professores e funcionários e representante de pais de alunos e comunidade. Todos os alunos matriculados residem na própria comunidade, pois todas as comunidades vizinhas também possuem escola.

A escola trabalha em parceria com a comunidade onde todos participam das atividades realizadas na escola, pois a direção da escola tem muita ligação com a comunidade o que garante a valorização da comunidade Local. A escola possui 2 alunos com deficiência intelectual.

5.3 DIÁLOGO COM O RESULTADO DA PESQUISA

Nesta etapa da pesquisa apresentamos os resultados em quadros e tabelas, para, posteriormente, realizar uma descrição dos dados com acréscimos do diálogo que tivemos nas rodas de conversas com os sujeitos da pesquisa

PRIMEIRA PARTE - Perfil docente

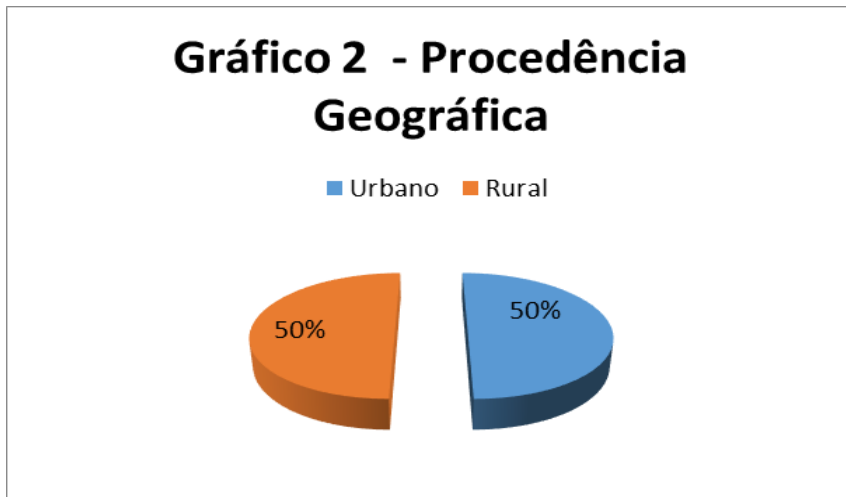


Fonte: Dados coletados pelo pesquisador durante o período 2018.2.

De acordo com o gráfico acima 75% dos entrevistados são do sexo feminino e 25% do sexo masculino, o que aponta a presença maciça da mulher no magistério, ou seja, os homens representam uma minoria no que se diz respeito a regência em

sala de aula e no ensino infantil, uma vez que o homem por ser homem sofre certo preconceito ao ser titular de uma sala de aula na educação infantil.

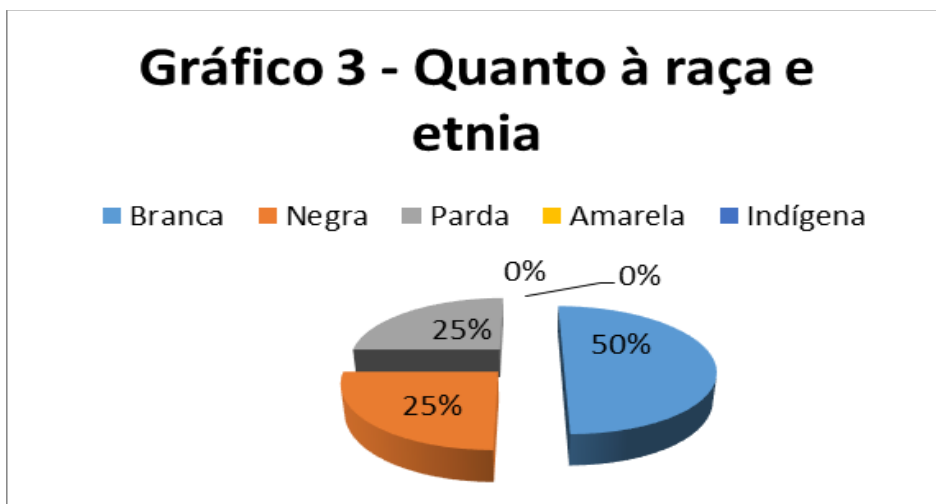
Quanto à procedência geográfica



Fonte: Idem.

Como podemos observar no gráfico acima 50% dos entrevistados são de área rural e 50% procedem da área urbana, o que nos remete a pensar que muitos dos educadores que atuam na zona rural residem na área urbana, não residindo na área rural um caso bastante comum de ser visto nas escolas do campo, uma vez que grande parte dos professores de escolar rurais é contratado.

Quanto a Raça/etnia



Fonte: Idem.

O gráfico acima observado nos mostra a porcentagem quanto a raça e etnia dos educadores da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Barra de Antas, onde observa-se os seguintes dados 50% dos professores são de cor branca, 25% dos professores entrevistados são de cor negra e 25% identificam-se como sendo pardos, então concluímos que maioria dos professores são de cor branca.

Formação escolar



De acordo com os dados citados no gráfico acima 100% dos professores entrevistados possuem Ensino superior completo, sendo que um dos entrevistados possui Pós-graduação, o que nos remete a compreender que os professores das escolas rurais também possuem formação superior o que nos faz tirar da mente a ideia de que os professores do campo são qualquer pessoa sem nenhuma formação, o gráfico acima nos mostra exatamente o contrário, eles tem sim formação e são tão capacitados quanto qualquer um professor de área urbana.

QUADRO 1 - Qual o Curso que está cursando ou que concluiu:

DOCENTE A	Pedagogia e Ciências biológicas
DOCENTE B	Pedagogia
DOCENTE C	Psicopedagogia
DOCENTE D	Pedagogia

Fonte: Idem.

A tabela acima apresenta os dados coletados quanto a formação dos professores da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Barra de Antas, onde chegamos aos seguintes dados a docente **A** possui graduação em Pedagogia e em Ciências Biológicas, os docentes **B** e **D** possuem graduação em pedagogia e o docente **C** possui graduação em Psicopedagogia

SEGUNDA PARTE – Questões sobre a pesquisa

QUADRO 2 – Relato sobre experiência em ter presenciado algum tipo de reprodução de racismo ou preconceito no ambiente escolar	
DOCENTE A	Não presenciou
DOCENTE B	Não presenciou
DOCENTE C	“Presenciei no local de trabalho onde a criança foi discriminada por ser negra”.
DOCENTE D	“Presenciei em um local de trabalho, onde a criança foi discriminada por sua cor e situação social”.

Fonte: Idem.

Percebemos que os docentes **A** e **B** por não presenciarem nenhum tipo de reprodução de preconceito não relataram. Já os professores/as **C** e **D** não somente presenciaram como também descreveram em seus relatos a visualização de atos preconceituosos com crianças, e com ênfase na cor da pele. O que nos faz refletir à luz de Munanga (2006) quando relata que o racismo no campo do trabalho e da educação é bastante focalizado na cor da pele e, por vezes, silenciado, por causa da questão social.

QUADRO 3 – Em sua prática de ensino e aprendizagem existe alguma direcionada para o ensino da educação étnico-racial?	
DOCENTE A	“Sim, são realizadas atividades metodológicas que buscam conscientizar o aluno sobre a igualdade e o respeito”.
DOCENTE B	“Sim. Projeto “respeito as diferenças”. . Data comemorativa “Dia da consciência negra”.
DOCENTE C	“Sim, a importância da valorização da cultura do nosso povo.
DOCENTE D	“Sim, pois enquanto negro ponteeio junto aos meus alunos a importância e valorização da cultura e saberes, originados com a contribuição de nosso povo.

Fonte: Idem.

Percebemos no quadro acima de que todos os docentes trabalham com prática ensino que valorizem a educação étnico-racial o docente **A** trabalha questões voltadas para a igualdade e o respeito, o docente **B** trabalha questões voltadas ao respeito e as diferenças ressaltando também o trabalho com a dia da consciência negra, o docente **C** afirma trabalhar a importância da valorização do nosso povo, mas ainda deixa uma lacuna nessa informação ao não citar quais atividades são

trabalhadas, Já o docente **D** se autodeclara negro e afirma pontear juntos aos seus alunos a importância e a valorização da cultura e saberes que foram originados com a contribuição do seu povo “Negro”.

QUADRO 4 – Observação sobre conteúdos ou figuras de cunho racista nos livros didáticos	
DOCENTE A	Não
DOCENTE B	Não
DOCENTE C	Não
DOCENTE D	Sim

Fonte: Idem.

No que se diz respeito a observação de figuras de cunho racista nos livros didáticos os docentes **A B e C** afirmam nunca terem observado nos livros didáticos nenhuma figura de cunho racista, já o docente **D** afirma já ter observado em algum livro Imagens ou figuras de cunho racista.

Quanto ao perfil dos respondentes da comunidade, observaremos o Quadro 5

Quadro 5 – Perfil dos entrevistados da comunidade						
Categorias	E1	E2	E3	E4	E5	E6
Gênero	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
Procedência geográfica	Rural	Rural	Rural	Rural	Rural	Rural
Idade	42 anos	51 anos	24 nos	37 anos	21 anos	32 anos
Há quanto tempo reside na comunidade	42 anos	30 anos	24 anos	37 anos	21 anos	32 anos
Raça/Etnia	Branca	Parda	Parda	Parda	Parda	Parda
Formação Escolar	Fundamental incompleto	Superior Completo	Médio Completo	Médio Completo	Médio Completo	Fundamental completo
Presenciou algum tipo de preconceito racial?	Não	Sim	Não	Não	Não	Não
Já sofreu algum tipo de	Não	Não	Não	Não	Não	Não

preconceito racial?						
Fez parte de algum grupo cultural?	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não
A comunidade oferece algum tipo de ação de incentivo há algum grupo cultural indígena ou africano?	Não	Não	Não	Não	Não	Não

Fonte: Idem.

Observando o quadro acima podemos observar que todos os entrevistados são do sexo feminino. Já no que se diz respeito a procedência todos os entrevistados são de procedência rural, maioria dos respondentes reside na comunidade desde o nascimento exceto o respondente número **2** que tem 51 anos de idade e reside na comunidade a 30 anos. Quanto a raça/etnia dos 6 respondentes 5 se autodeclaram pardos, são eles os respondentes **2, 3, 4, 5 e 6** o respondente que se autodeclara de raça/etnia branca é o respondente número **1**.

No quesito formação escolar chegamos aos seguintes dados o respondente número **1** afirma ter apenas o ensino fundamental incompleto, o respondente **2** é o único do quadro que possui curso superior completo o que mostra certa escassez de moradores da comunidade que possuam curso superior, já os respondentes **3, 4 e 5** afirmam terem cursado o ensino médio e terem concluído, o respondente **6** afirma ter apenas o ensino fundamental completo ou seja não cursou o ensino médio. Quando perguntados se já presenciaram algum tipo de preconceito racial os respondentes **1, 3, 4, 5 e 6** dizem nunca terem presenciado nenhum tipo de

preconceito racial, em contrapartida o respondente **2** afirma já ter presenciado sim algum tipo de preconceito racial e cita-o “Sim, em atendimento nos brancos, quando chega uma pessoa negra é olhada como já se fosse alguém do mal”. Essa fala nos remete a pensar o quanto ainda existe preconceito em ambientes públicos para com as pessoas de pele mais escura, preconceito este muito comum hoje em dia, quando ainda questionados sobre se já sofreram algum tipo de preconceito racial a resposta de todos os respondentes foi NÃO, nenhum dos respondentes jamais sofreu nenhum tipo de preconceito racial, o respondente **2** afirma já ter presenciado, porém nunca sofreu preconceito. ao serem questionados sobre se já fizeram parte de algum grupo cultural os respondentes **1,3,5** e **6** respondem nunca terem feito parte de nenhum tipo de grupo cultural, o que nos mostra a carência de práticas de incentivo à cultura nos âmbitos rurais, já os respondentes **2** e **4** relatam já terem participado de grupos culturais, o respondente **2** relata já ter feito parte do grupo cultural quadrilha junina e o respondente **4** relata já ter feito parte de um grupo cultural referente ao xaxado.

De acordo com os relatos dos respondentes a comunidade não oferece nenhum tipo de ação de incentivo a cultura nem há algum grupo indígena nem africano o que deixa claro a necessidade de se trabalhar a educação étnico racial nas escolas do campo como também trabalhar a lei 10.639/03, pois estes dados mostram certa carência quando nos referimos ao trabalho da educação étnico-racial dentro da sala de aula e posteriormente dentro da comunidade, tendo em vista que a escola e a comunidade são uma parceria com a coletividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este presente trabalho foi uma experiência impar para minha formação superior, o tema em questão foi escolhido por mim com base na minha vivência na comunidade Barra de Antas, situada no município de Sapé/PB, vivencia esta que tenho desde meus primeiros estágios obrigatórios que o curso exige, escolhi este tema por se tratar de um tema atual tanto na comunidade como no Brasil de modo geral. Durante todo o processo de construção deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) vivi experiências positivas, porém desafiadoras, pois é uma experiência única, individual e intransferível sendo este um trabalho que exige total dedicação, empenho e força de vontade, mas sem dúvida é muito gratificante, pois a medida em que vamos avançando em nossa pesquisa sentimos uma sensação de caminho, um sentimento de dever cumprido nesse ponto o trabalho deixa de ser algo obrigatório e sim passa a ser um trabalho prazeroso e gratificante,

As questões étnico-raciais somadas com a realidade do sujeito do campo são questões que sempre me chamaram atenção por se tratarem de uma realidade que necessita cada dia mais ser trabalhada de maneira diferenciada, pois a realidade se modifica muito quando observamos as questões de raça/etnia e cultura com um olhar campesino, pois o campo tem suas particularidades, o povo do campo tem suas particularidades, e foram justamente essas particularidades que desde muito cedo me chamaram atenção, pois venho de uma família miscigenada, e de origem rural e sempre tive vontade de fazer um trabalho acadêmico voltado para essas questões.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, pude ver que não é tão simples nem tão fácil trabalhar a realidade dos sujeitos do campo associadas com a educação étnico-racial. Tem que ser um processo bem trabalhado, bem elaborado pois são questões que envolvem toda uma esfera social e econômica que olharmos as questões de vida e de situação econômica destas pessoas, pude observar também a falta de políticas e de ações sociais que valorizem a cultura local da comunidade, pois a comunidade Barra de Antas que é uma comunidade grande, o que me remete a pensar a negligência que existe não só no Município de Sapé, mas também em todo o Brasil, pois existem milhares de lugares carentes, tanto de políticas públicas quanto de ações que valorizem e trabalhem a educação étnico-racial.

Nesse sentido, ampliamos o nosso conhecimento sobre a educação das relações étnico-raciais que é uma educação voltada para trabalhar as características dos grupos raciais que originaram nosso povo, essa educação busca valorizar essas particularidades de cada raça/etnia mostrando as contribuições e o lado positivo de toda uma bagagem cultural que recebemos e dos costumes que ainda hoje existem e que devem ser respeitados e assegurados seus direitos.

Uma das coisas mais notáveis na construção deste trabalho foi durante a aplicação do questionário, pois pude ver a falta de conhecimento de muitas pessoas quando perguntadas sobre sua origem étnico-racial, pois a maioria se autodeclarou pardo quando seus traços físicos o caracterizavam como Negro ou como índio, isso é uma prova do quanto é necessário se trabalhar a educação étnico-racial, para que dessa maneira o indivíduo possa ter conhecimento sobre todas as questões ligadas a raça, etnia e aceite sua condição seja de negro, índio, branco ou pardo pois ainda existe muita resistência por parte das pessoas na hora de fazer auto-declaração, em que a maioria das pessoas rejeita a condição negra. Isso ocorre mesmo apresentando as origens culturais, para que o indivíduo possa se auto reconhecer de maneira coerente, com as características físicas e/ou culturais, o que ressalta ainda mais a necessidade de se trabalhar a educação étnico-racial nas escolas como também nas comunidades através de ações de incentivo e valorização à cultura. Além disso, o mesmo possibilitou o interesse em aprofundar as questões aqui trazidas sobre o pertencimento ao campo e a etnia multicultural.

Agradeço primeiramente a Deus e a professora Ana Paula Romão por toda assistência e auxílio durante o desenvolvimento deste trabalho, estando ela sempre à disposição não somente durante o horário marcado para orientação como também pelo atendimento em todos os momentos, sempre solicita e sempre disposta a ajudar no que fosse possível. Este trabalho foi muito importante para mim, pois pude observar na prática o que outrora só foi feito por teoria. Concluo que a prática é o momento em que vivemos as melhores experiências e adquirimos maior aprendizado, ou seja, e um encontro nosso com o campo de trabalho ao qual estamos nos preparando para atuar e foi na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que pude testar meu conhecimento e minhas habilidades acadêmicas que foram construídas ao longo de todo o curso.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando de. **Novos Caminhos e Novos Fins: A nova política de Educação no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1958. (Obras Completas de Fernando de Azevedo, v. 7)

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. Movimentos sociais e Educação Popular do Campo (re) constituindo território e a identidade camponesa. In: ALMEIDA, M. de Lourdes Pinto de Almeida; JEZINE, Edineide (Orgs.). **Educação e movimentos sociais: novos olhares**. Campinas, SP: Autêntica, 2007.

BRASIL. Diretrizes Operacionais da Educação do Campo. **Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012002.pdf> Acesso em novembro de 2019.

CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

DINIS, Nilson Fernandes. **Por uma pedagogia Querr**, Universidade Federal de São Carlos, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/amb41/Downloads/27710-Texto%20do%20artigo-159398-1-10-20151016.pdf>. Acesso em: 20 de março e 2019.

ESTEBAN, Maria Tereza. Educação popular: desafio à democratização da escola pública. **Cad. CEDES** [online]. 2007, vol.27, n.71, pp.9-17. ISSN 0101-3262. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622007000100002>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1999.

GOHN, Maria da Glória. "500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor." In.: **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, 2000.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais. In.: BRASIL. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. (Coleção Educação para todos)

MENDES, Betânia Gusmão. Direitos humanos e cultura: uma análise segundo o pensamento de pluralidade de Hannah Arendt. **Revista Jus Navigandi**, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 21, n. 4694, 8 maio 2016. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/45526>. Acesso em: 13 maio 2019.

MIRANDA, Olison Coutinho; GARCIA, Paulo Cesar. **A Teoria Queer Como Representação da Cultura de Minoria**. Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/A-teoria-queer-como-representa%C3%A7ao-da-cultura-de-uma-minoria.pdf>. Acesso em: 22 de março e 2019.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/BID/UNESCO, 2001


PEREIRA, Dulcinéia de Fátima Ferreira; PEREIRA, Eduardo Tadeu. **Revistando a história da educação popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível**. Campinas/SP, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TEIXEIRA, Elizabeth. [Entrevista]. In.: **PARAÍBA**. Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba. João Pessoa, 2013.

WERTHEIN, J. (org.) **Educação de Adultos na América Latina**. Campinas/SP: Papyrus, 1985.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

 <p style="text-align: center;">UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB CENTRO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS I</p> <p style="text-align: center;">CURSO DE PEDAGOGIA (ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO)</p>

QUESTIONÁRIO

Caríssimo/a professor/a, este instrumento faz parte de um processo de pesquisa e tem como objetivo coletar dados e realizar análise das informações, visando contribuir para construção do nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Desde já, agradecemos a sua colaboração. Salientamos, ainda, que as informações aqui prestadas não serão reveladas para outro fim, que não seja, o da pesquisa científica e que o seu nome não será revelado, conforma a norma ética 136, da legislação vigente do Conselho de Ética, de nossa instituição.

1ª PARTE – PERFIL DO DOCENTE

GÊNERO

Sexo () Masculino () Feminino

PROCEDÊNCIA GEOGRÁFICA (Origem)

() Urbana () Rural

Naturalidade: _____

VOCÊ MORA NA COMUNIDADE? SE, SIM, HÁ QUANTO TEMPO MORA NA COMUNIDADE: _____

RAÇA/ETNIA

() Branca () Negra () Parda () Amarela (asiática) () Indígena

FAIXA ETÁRIA

Quantos anos você tem? _____

QUAL A SUA FORMAÇÃO ESCOLAR?

() Magistério ou equivalente

() Superior em andamento

() Superior completo

() Outro _____

SE ESTÁ CURSANDO OU JÁ CONCLUIU UM CURSO SUPERIOR. RESPONDA:

QUAL(IS) CURSO(S) TERMINOU OU ESTÁ TERMINANDO _____

2ª Parte - QUESTÕES SOBRE A PESQUISA:

1. Em sua formação (inicial e/ou continuada) você estudou sobre os conteúdos de Educação etnicorracial?

() Sim () Não

2. Já presenciou algum tipo de reprodução do racismo através do preconceito racial no ambiente escolar?

() sim () não

3. Se, sim, poderia relatar:

4. Em sua prática de ensino e aprendizagem existe alguma direcionada para o ensino da educação etnicorracial?

() sim () não

5. Se, sim, Quais?

6. Você já notou algum conteúdo ou figuras contidas nos livros didáticos de cunho racista ou que sugira preconceito racial?

() SIM () NÃO


7. Em relação à Semana da Consciência Negra, de que forma você participa das atividades:

Termo de Consentimento Informado

Eu, _____ RG _____, concordo em participar da pesquisa intitulada **ASPECTOS ÉTNICO-RACIAIS E CULTURAIS DA COMUNIDADE BARRA DE ANTAS/SAPÉ-PB COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO POPULAR NA DO CAMPO**, parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso do aluno de Pedagogia/Educação do Campo, **JOSÉ KLEITON DA SILVA MATIAS**. Como depoente, autorizo o uso dos dados do questionário escrito.

Assinatura do (a) participante

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS SUJEITOS DA COMUNIDADE

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB CENTRO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS I CURSO DE PEDAGOGIA (ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO)</p>
---	--

QUESTIONÁRIO

Caríssimo/a respondente, este instrumento faz parte de um processo de pesquisa e tem como objetivo coletar dados e realizar análise das informações, visando contribuir para construção do nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Desde já, agradecemos a sua colaboração. Salientamos, ainda, que as informações aqui prestadas não serão reveladas para outro fim, que não seja, o da pesquisa científica e que o seu nome não será revelado, conforma a norma ética 136, da legislação vigente do Conselho de Ética, de nossa instituição.

1ª PARTE – PERFIL DO RESPONDENTE

GÊNERO

Sexo () Masculino () Feminino

PROCEDÊNCIA GEOGRÁFICA (Origem)

() Urbana () Rural

Naturalidade: _____

HÁ QUANTO TEMPO MORA NA COMUNIDADE:

RAÇA/ETNIA

() Branca () Negra () Parda () Amarela (asiática) () Indígena

FAIXA ETÁRIA

Quantos anos você tem? _____

QUAL A SUA FORMAÇÃO ESCOLAR?

- () Não frequentou escola
- () Fundamental incompleto
- () Fundamental completo
- () Médio incompleto
- () Médio completo
- () Superior em andamento
- () Superior completo
- () Outro _____

**SE ESTÁ CURSANDO OU JÁ CONCLUIU UM CURSO SUPERIOR. RESPONDA:
QUAL(IS) CURSO(S) TERMINOU OU ESTÁ TERMINANDO _____**

2ª Parte - QUESTÕES SOBRE A PESQUISA:

1. Já presenciou algum tipo de preconceito racial?
() sim () não

2. Se, sim, poderia relatar:

3. Você já sofreu algum tipo de preconceito racial?

() sim () não

4. Você faz ou já fez parte de algum grupo cultural?

() sim () não

Se, sim, qual?: _____

5. A comunidade promove alguma ação de incentivo há algum grupo cultural indígena ou africana?

Termo de Consentimento Informado

Eu, _____ RG _____, concordo em participar da pesquisa intitulada **ASPECTOS ÉTNICO-RACIAIS E CULTURAIS DA COMUNIDADE BARRA DE ANTAS/SAPÉ-PB COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO POPULAR NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**, parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso do aluno de Pedagogia/Educação do Campo, **JOSÉ KLEITON DA SILVA MATIAS**. Como depoente, autorizo o uso dos dados do questionário escrito.

Assinatura do (a) participante

ANEXOS – FOTOS

Vista Lateral da escola



Salão e pátio da escola, onde acontecem as reuniões com os pais e as atividades festivas, nesta foto é possível observarmos a comunidade que fica na parte baixa.



Corredor de acesso as salas de aula nº 1, 2 e a biblioteca



Corredor de acesso a sala de aula nº 3, não consegui virar a foto de jeito nenhum.



Fonte: Arquivo pessoal de MATIAS, José Kleiton da Silva, 2019

Cantina da escola e ao lado a sala da diretoria que é usada como sala de professores



Fonte: Arquivo pessoal de MATIAS, José Kleiton da Silva, 2019

Corredor lateral da entrada da escola lado direito.



Fonte: Arquivo pessoal de MATIAS, José Kleiton da Silva, 2019

Corredor Lateral da entrada lado direito, onde estão os banheiros masculinos e femininos e o banheiro de deficientes físicos



Fonte: Arquivo pessoal de MATIAS, José Kleiton da Silva, 2019

Ladeira de acesso a escola, esta ladeira em dias de chuva é bastante complicada, tornando-se um obstáculo pois é muito alta e em dias de muita chuva só é possível subir a pé.



Fonte: Arquivo pessoal de MATIAS, José Kleiton da Silva, 2019

Vista parcial da comunidade barra de antas, esta foto foi tirada da frente da escola, aí podemos ter noção da altura da ladeira de acesso à escola.



Fonte: Arquivo pessoal de MATIAS, José Kleiton da Silva, 2019

Museu João Pedro Teixeira, situado na comunidade Barra de Antas.



Fonte: Arquivo pessoal de MATIAS, José Kleiton da Silva, 2019

Fotografia de João Pedro Teixeira, Elizabete Teixeira e seus 11 filhos. Esta fotografia se encontra dentro do memorial.